

Lição sobre dívida interna

JORNAL DA TARDE

Pública

3 * JUN 1994

Embora ainda alimente muitos preconceitos ideológicos, o candidato do PT à sucessão do presidente Itamar Franco, Luiz Inácio Lula da Silva, está ficando menos confuso e mais objetivo na abordagem de alguns dos grandes problemas nacionais.

Agora mesmo, depois de passar anos e anos repetindo a ladainha dos esquerdistas malformados e mal-informados de que o principal entrave ao desenvolvimento do País era a dívida externa, Lula finalmente descobriu que a dívida interna é muito mais danosa para o País do que as “perdas internacionais” do jargão do ex-governador Leonel Brizola.

Essa obviedade nós do **Jornal da Tarde** começamos a mostrar em agosto de 1983, com a série de reportagens intitulada **A República Socialista Soviética do Brasil**, ainda no tempo em que quase todo mundo por aqui, traumatizado pelo “Setembro Negro” de 1982, só falava do Fundo Monetário Internacional, da dívida do Brasil com os bancos estrangeiros, do dinheiro brasileiro que era remetido para o Exterior.

Numa radiografia ampla e profunda do Estado brasileiro — a primeira de tal envergadura realizada pela imprensa brasileira —, demonstrávamos que o maior problema nacional eram as empresas estatais, o aparelho de Estado paquidêmico e perdulário que fomos montando ao longo de nossa história republicana, a partir da Revolução de 30 e, principalmente, no governo do general Geisel. São as estruturas viciadas, mal-administradas do Estado, especialmente das empresas estatais, que criam a dívida interna, ao forçar o governo a fazer empréstimos e vender títulos a juros altíssimos para cobrir seus rombos. É a dívida interna a causa primária da inflação.

Se, depois de ter descoberto que a dívida interna é o principal problema do País, chegar a entender que essa é a sua dinâmica, o candidato Lula da Silva conseguirá reduzir substancialmente a grande rejeição à sua candidatura registrada por todas as pesquisas eleitorais.

Como ensinava ainda ontem o ministro Rubens Ricúpero, “as estatais têm que se convencer de que elas servem ao povo brasileiro e não o contrário. Infelizmente, a maioria delas é um peso morto e quase sempre um sorvedouro de recursos. A

maioria das estatais é irrecuperável”.

Pois durante esses 11 anos transcorridos desde que lançamos aquela série de reportagens, a maioria de nossos políticos e administradores públicos preferiu continuar acreditando na fantasia das “perdas internacionais”, alguns por ignorância, outros por conveniência. E pouco ou quase nada se fez de objetivo, com pertinácia — a não ser o hoje quase paralisado Plano Nacional de Desestatização do governo Collor —, para atacar esta gangrena que corrói o organismo econômico nacional. As estatais não só permaneceram praticamente intactas como ainda ampliaram seu poder e sua influência.

Repentinamente, um político que durante muitos anos alimentou os mesmos preconceitos nacional-estatizantes de Lula da Silva inicia o que, se for levado adiante, poderá assumir características de uma verdadeira revolução na vida econômica, política e administrativa do País. O presidente Itamar Franco, que até a semana passada vinha sendo absolutamente condescendente com essas estatais, decidiu enfrentá-las e está promovendo corajosa ofensiva contra o poder paralelo que elas constituíram, sempre com o apoio irrestrito da CUT e do PT.

A ofensiva de Itamar, que se traduziu, na semana passada, na demissão de um diretor da Petrobrás que estava boicotando a privatização e no afastamento temporário de dirigentes de 17 empresas públicas sob suspeita de desrespeitar a lei salarial, e, na terça-feira desta semana, na demissão de 60 desses diretores que tiveram suas responsabilidades comprovadas, é um dos fatos políticos mais auspiciosos ocorridos no Brasil nos últimos anos. Itamar quebra, assim, a tradição de impunidade das estatais e seus empregados e abre um precedente que tornará mais fácil um saneamento total do aparelho estatal brasileiro. Uma tarefa que terá que ser executada pelo próximo governo, uma vez que este já está no final do seu mandato.

Ninguém duvida de que, se for eleito, Fernando Henrique prosseguirá nessa empreitada que nada mais é do que a quarta etapa do seu plano de estabilização econômica.

Se for Lula o próximo presidente, vamos torcer para que saiba tirar as conclusões lógicas da sua auspiciosa descoberta sobre a importância da dívida interna.